PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA

JOÃO HENRIQUE FUNARI DI MASE

A AMIZADE EM EPICURO E ARISTÓTELES MOTIVADA PELA UTILIDADE: IMPLICAÇÕES ÉTICAS

CAMPINAS
2024

JOÃO HENRIQUE FUNARI DI MASE

A AMIZADE EM EPICURO E ARISTÓTELES MOTIVADA PELA UTILIDADE: IMPLICAÇÕES ÉTICAS

Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Paulo Moacir Godoy Pozzebon, para obtenção do título acadêmico de Bacharel em Filosofia.

CAMPINAS

2024

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Mase, João Henrique Funari Di

M396a A amizade em Epicuro e Aristóteles motivada pela utilidade : implicações éticas / João Henrique Funari Di Mase. - Campinas: PUC-Campinas, 2024.

28 f.

Orientador: Paulo Moacir Godoy Pozzebon.

TCC (Bacharelado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2024.
Inclui bibliografia.

1. Amizade. 2. Epicurismo. 3. Aristotelismo. I. Pozzebon, Paulo Moacir Godoy. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. Faculdade de Filosofia. III. Título.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA
JOÃO HENRIQUE FUNARI DI MASE

A AMIZADE EM EPICURO E ARISTÓTELES MOTIVADA PELA UTILIDADE: IMPLICAÇÕES ÉTICAS

Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Paulo Moacir Godoy Pozzebon, para obtenção do título acadêmico de Bacharel em Filosofia.

Julgado e aprovado em 02/12/2024

Considerações
Muito bom trabalho, denota rigor e profundidade na reflexão. Nota: Dez.

_____

Prof. Dr. Paulo Moacir Godoy Pozzebon
Docente da Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Orientador

CAMPINAS
2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha esposa pela complacência, serenidade e incentivo a todos os meus objetivos.

Agradeço ao Marcos Vicente Furian, economista e companheiro de 39 anos pela longa convivência.

Agradeço a José Carlos Petermann da Silva, escritor, por suas benevolências e humor ao longo de 36 anos de convivência.

Agradeço a João Cesar Garcia, analista de sistemas, pela bondade e afeto ao longo de 15 anos de convivência.

Agradeço aos colegas de classe e, especialmente ao Christian Luan da Silva Carmo e Diórginis Henrique Jovelli Pinho, o primeiro pelo pragmatismo, e o segundo pela exortação nos intervalos para o café na cantina da PUCC ao longo do curso, que me causaram espanto, contribuindo para a consolidação dos temas desenvolvidos em aulas.

Agradeço ao meu sogro Walter Justi (*in memoriam*), exemplo de bondade e sabedoria pelo seu jeito estoico autodidata que me influenciou para melhor.

Agradeço ao meu orientador Dr. Paulo Moacir Godoy Pozzebon que, com senso analítico, conhecimento em excesso e toque magistral, melhoraram a monografia, garantindo clareza.

Agradeço sobretudo a Deus, pela graça de ser e ter amigos.

Aos amigos, em especial à minha esposa.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre o conceito de amizade vinculado ao conceito de utilidade ensinado por Aristóteles e Epicuro. Tal empreendimento justifica-se por tratar de um tema de alta relevância para a compreensão das relações humanas no que tange à relação consigo mesmo, na estima de si; com o outro, no respeito; e com a comunidade, instituições ou sociedade mais justas em que se possa habitar. Em outras palavras, o conceito de amizade em Aristóteles e Epicuro implica a possibilidade de um mundo melhor e mais solidário. A principal questão explorada é: quais são as implicações éticas de uma visão de amizade baseada na utilidade de acordo com Epicuro e Aristóteles? Adotaremos uma abordagem metodológica fundamentada na revisão bibliográfica baseada no livro Fundamentos de Metodologia Científica de Eva Maria Lakatos.

Palavras-chave: Amizade, felicidade, epicurismo, aristotelismo.

ABSTRACT

This work aims to reflect on the concept of friendship linked to the concept of utility taught by Aristotle and Epicurus. Such an undertaking is justified because it deals with a topic of high relevance for understanding human relationships in terms of the relationship with oneself, in self-esteem; with others, with respect; and with the fairest community, institutions or society in which one can live. In other words, the concept of friendship in Aristotle and Epicurus implies the possibility of a better and more supportive world. The main question explored is: what are the ethical implications of a view of friendship based on utility according to Epicurus and Aristotle? We will adopt a methodological approach based on a bibliographical review based on the book Fundamentals of Scientific Methodology by Eva Maria Lakatos.

Keywords: Friendship, happiness, Epicureanism, Aristotelianism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10
2 AMIZADE EM EPICURO 14
2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL DE EPICURO, POR DIÓGENES LAERTIUS 14
2.2. VERTENTE FILOSÓFICA DE EPICURO 14
2.3. SOBRE A AMIZADE, CONFORME EPICURO 15
3. A AMIZADE EM ARISTÓTELES 20
3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL DE ARISTÓTELES, POR GIOVANNI REALE 20
3.2. VERTENTE FILOSÓFICA DE ARISTÓTELES 20
3.3. SOBRE A AMIZADE, CONFORME ARISTÓTELES 21
3.3.1. A amizade baseada na utilidade e no prazer 21
3.3.2. A amizade baseada no bem 22
4. AS IMPLICAÇÕES ÉTICAS MOTIVADAS PELA UTILIDADE 24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 26
REFERÊNCIAS 28

1 INTRODUÇÃO

Antes de iniciar na graduação de Filosofia, na década de 90 eu era voluntário no CVV – Centro de Valorização da Vida, uma associação civil sem fins lucrativos, reconhecida por lei como de utilidade pública Federal pelo Ministério da Saúde, que tem como escopo a valorização da vida e a prevenção do suicídio. Em minha jornada na instituição, realizei vários atendimentos e o que mais me marcou foi o relato de um atendido via telefone, já no meio da madrugada, na qual relatou a sua profunda tristeza pela morte de um amigo de infância e a relação que ele fazia com a dádiva de ter vivenciado uma amizade por muito tempo. Esse atendimento reforçou as representações que eu fazia da amizade e, na graduação em Filosofia, obtive a compreensão sobre a amizade de forma sistematizada, por meio dos conceitos dos grandes pensadores em especial Epicuro e Aristóteles, ambos enaltecedores dessa virtude como fundamentação para a vida em sociedade.

Este trabalho de conclusão de curso tem como objeto de reflexão o conceito de amizade de acordo com Epicuro e Aristóteles, objetiva pôr em evidência as relações conceituais entre essas duas escolas mediante a sua vinculação com a noção de utilidade. E, para tanto, partimos da seguinte questão: quais são as implicações éticas de uma concepção de amizade baseada na utilidade segundo Epicuro e Aristóteles?

A pretensão investigativa é relacionar o conceito de amizade em Aristóteles e Epicuro mediante o conceito de utilidade. Reconhecer as implicações éticas do conceito de amizade fundamentado na noção de utilidade. Pesquisar as referências primárias e secundárias dos dois filósofos via bases de dados digitais e acervo do curso, com intenção de compreender como se forma a amizade, o que é a amizade e suas características e requisitos. Compreender também como a amizade impacta nas relações sociais e individuais.

Existem motivos para percorrer este caminho. Tem-se a impressão de que nada mais há o que se dizer ou com o que contribuir, e de que padeceríamos da falta de originalidade. No entanto, pela atualidade do tema, mais uma investigação não esgotaria as possibilidades que a reflexão sobre a amizade poderia desdobrar.

O mundo vive em uma cultura assombrosa, cultivando diversos tipos de relacionamentos, formulando teorias, códigos e religiões, desenvolvidas e propagadas em bares, universidades, na prática de esportes e demais artes, no estudo da filosofia

e, diante desse contesto, o valor da amizade se torna inquestionável para que o homem consiga atingir a felicidade.

À medida que a sociedade se transforma e se torna mais complexa, surgem novos problemas de difícil resolução, sendo necessária a retomada de conceitos fundamentais para o convívio em sociedade, para o agir moral e ético. Por essa razão, é de fundamental importância debruçarmos sobre esse conceito para identificá-lo e reconhecê-lo.

Estabeleço também como extensão e conexão com o tema do presente projeto, a campanha da fraternidade deste ano (2024) de acordo com o texto-base editado pela CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que tem como tema: fraternidade e amizade social, e lema: “vós sois todos irmãos e irmãs” (Mt, 23,8). A campanha nos instiga a refletir e viver a amizade social e a grande pergunta que se põe diante de nós é: o que é a amizade social? A ideia é trazer para o debate o que é a amizade e como ela surge, e apontar propostas para fortalecer a amizade social.

Em 1888 foi encontrado um conjunto de oitenta e um aforismos epicuristas no Vaticano. Esses aforismos, que servem de referência para pensar a doutrina epicurista da amizade, ficaram conhecidos como Sentenças Vaticanas.

No que tange à tarefa de compreender o autor em seu próprio tempo histórico, esta reflexão se apoiará nas contribuições de Diógenes Laertius, em termos de biografia e de entendimento da sua corrente filosófica, o epicurismo.

A amizade, no sentido que Epicuro defendia, qualifica os homens para a eudaimonia.

Epicuro nos apresenta a seguinte sentença: “de tudo aquilo que a sabedoria nos proporciona para a felicidade de toda a nossa vida, de longe o mais importante é a posse da amizade” (Epicuro, 2014 p.21, Sentença 13).

Aristóteles em Ética Nicômaco classifica a amizade em três tipos: (a) há aqueles que se relacionam mutuamente por utilidade, (b) há aqueles que se relacionam por prazer, e, por fim, (c) há aqueles de desejam igualmente o bem um ao outro, ou seja, a amizade por si mesma, sendo esta a amizade virtuosa.

> Segundo Aristóteles, a amizade é uma virtude ou está estritamente unida à virtude: de qualquer forma é o que há de mais necessário à vida, já que os bens que a vida oferece, como riqueza, poder, etc., não podem ser conservados nem usados sem os amigos (...). Quanto ao fundamento da A. pode ser a utilidade recíproca, o prazer ou o bem, mas é claro que enquanto a A. fundada na utilidade ou no prazer está

> destinada a acabar quando o prazer ou a utilidade cessarem, a A. fundada no bem é a mais estável e firme, portanto é a verdadeira A (...) (ABBAGNANO, 2000, p. 38-39).

Na citação acima, Aristóteles nos ensina que a amizade é uma virtude essencial à vida pois, os bens como riqueza e poder, não têm valor sem amigos. A amizade pode ser baseada em utilidade recíproca, prazer ou no bem. No entanto, amizades baseadas em utilidade ou prazer são temporárias e terminam quando essas condições cessam. Em contraste, a amizade fundada no bem é a mais estável e verdadeira. Vivemos em um círculo de pessoas onde ocorrem trocas de experiências, valores e paradigmas, que influenciam nosso comportamento e interferem na nossa trajetória.

É com o sentimento de zelo em relação ao outro que a amizade se constrói, conectando seus afetos e a confiança é o elo mais importante que liga a amizade.

De acordo com Quartim de Moraes (2014, p.11), “A sentença 23 esclarece que toda amizade deve ser buscada por si mesma, embora tenha sua origem na utilidade”. Sobre essa sentença, é oportuno ressaltar que Epicuro vê a amizade inicialmente como utilitária, mas reconhece que ela evolui para algo mais profundo e duradouro, essencial para a felicidade e a tranquilidade.

Em seu livro *Ética a Nicômaco*, Aristóteles reconhece a utilidade nas amizades, mas coloca maior valor nas amizades baseadas na virtude, que são mais estáveis e moralmente elevadas (Aristóteles, 2016).

Ante o exposto, cabe considerar que as amizades baseadas na virtude promovem o crescimento moral e ético dos indivíduos, pois envolvem uma apreciação mútua da bondade e incentivam cada pessoa a buscar a excelência nos relacionamentos.

Para o exame do conceito de amizade baseada na utilidade, em Epicuro, a monografia adotará uma abordagem metodológica fundamentada na revisão bibliográfica baseada no livro *Fundamentos de Metodologia Científica* de Eva Maria Lakatos, destacando a fonte primária, “Sentenças Vaticanas”. Quanto às secundárias referências temos “A vida dos filósofos ilustres” de Diógenes Laertius.

No que tange a Aristóteles, utilizaremos como fonte primária o Livro VIII da Ética Nicomaquéia. Quanto às secundárias referencias utilizaremos “A vida dos filósofos ilustres” de Diógenes Laertius e outros estudiosos e pesquisadores.

Para uma reflexão sobre o tema, dispomos os argumentos com base na seguinte estrutura: iniciaremos com a contextualização histórica e cultural, vertente filosófica, e conceitos de amizade segundo Epicuro num primeiro momento e,

posteriormente, segundo Aristóteles. Em seguida, desenvolveremos questões relacionadas às implicações éticas motivadas pela utilidade.

2 AMIZADE EM EPICURO

2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL DE EPICURO, POR DIÓGENES LAERTIUS[1]

A tradução aqui disponibilizada de Diógenes Laércio, livro X trata da vida do filósofo grego da antiguidade, Epicuro, O filósofo do Jardim, e da filosofia epicurista e, mais especificamente das questões de foro biográfico do Filósofo do Jardim em que se considera o ambiente histórico, social e cultural, a saber, os problemas filosóficos da época, seus interlocutores em relação à sua filosofia.

Uma observação à parte, é a obra de Diógenes Laertius (1987) ser concluída com Epicuro cujo destaque se assemelha à atenção que o autor de “Vida dos Eminentes Filósofos” concede à Platão, no Livro III. Percebe-se, assim, que o biógrafo tem, no mínimo, um certo apreço por esses dois autores.

Na estrutura do Livro X, em todas as suas divisões, nosso percurso seguirá apenas para a vida de Epicuro, circunscrita de 1-34 e da vertente doutrinária (35-121). As demais serão objetos de reflexão ulterior.

Segundo fontes indicadas por Diógenes, Epicuro nasceu e foi criado em Samos, uma ilha grega, situada no mar Egeu e próxima à atual Turquia, que foi colonizada por Atenas. A ilha foi palco de um dos conflitos mais notáveis com Atenas. Epicuro, já em Atenas, recebeu influência filosófica de Xenócrates e de Aristóteles, na Academia; de Demócrito. Teve muitos amigos, mas também inúmeros detratores e caluniadores acerca de seu nome, sua origem, sobre seu caráter e de sua filosofia, como indicam as divisões de 3-7, da obra diogeneana.

2.2. VERTENTE FILOSÓFICA DE EPICURO

Diógenes expõe a obra de Epicuro na transcrição de três de suas epístolas (cartas a Heródoto, 35-85, Pítocles, 84-121 e Meneceu, 122-138), as outras obras são elencadas apenas como referências.

---

1 DIÓGENES LAERTIUS, Livro X Epicuro

Com o fim da *Pólis*, o homem grego deixou de ser analisado na condição de “animal político” pautado pelas regras do bem viver e da cidadania. A *Pólis* deixou de ser a referência básica, pois seu interesse passou a estar mais relacionado com as questões individuais do que com a coletividade, ou seja, com a sua felicidade pessoal. A *ataraxia* (paz de espírito ou tranquilidade), e não a política, leva os homens à *Eudaimonia* (felicidade) (Reale, 2020).

Sua escola filosófica conhecida como “O Jardim’ era muita famosa pelo ensino do mestre, mas pela experiência de cultivo da amizade, “amizade epicurista” cuja ressonância se estendeu a autores como Cícero, Sêneca de Marco Aurélio.

Para Epicuro, o verdadeiro bem é o prazer, e a ausência da dor, tanto em relação à alma (ataraxia), como em relação ao corpo, são considerados como sumo bem. A filosofia desenvolvida por Epicuro era a busca pela felicidade mediante os prazeres moderados, cultivo do prazer intelectual e da amizade (Reale, 2020).

2.3. SOBRE A AMIZADE, CONFORME EPICURO

A amizade, no sentido que Epicuro defendia, qualifica os homens para a Eudamonia.

Epicuro nos apresenta a seguinte sentença: “De tudo aquilo que a sabedoria nos proporciona para a felicidade de toda a nossa vida, de longe o mais importante é a posse da amizade.” (Epicuro, *Sentenças Vaticanas*, 13)

Claramente defende a importância da amizade para a conquista da felicidade e, conforme Quartim de Moraes (2014, p.22), “Epicuro não preconiza a amizade pela sabedoria, mas a sabedoria para conquista da amizade”.

Ante o exposto, a relação existente entre amigos é qualificada pela sabedoria. A amizade não é um tipo de relação que nos traz benefícios apenas, pois quem busca somente vantagens não consegue estabelecer uma amizade verdadeira. Apesar de a amizade surgir pelo interesse pela utilidade que temos aos outros, para Epicuro, com o transcorrer do tempo, a amizade passa a proporcionar segurança, confiança, diálogo e alegria, transformando-se em fonte de prazer e, consequentemente, um fim em si mesma objetivando uma vida feliz. Com esse propósito a amizade, buscando um fim em si mesma, era cultivada na escola Jardim, ou seja, o bem do outro e a ataraxia.

A partir do exposto, fica evidente que a amizade em Epicuro (*Philia*) não está baseada em qualquer tipo de utilitarismo, mas se aproxima do amor ágape, legado de Jesus.

A amizade, por ser própria do ser humano, vem se desenvolvendo ao longo do tempo. Portanto, as *Sentenças Vaticanas* servem de inspiração para fomentar a verdadeira amizade em qualquer ambiente ou época.

Segundo o filósofo Cícero (Cícero, 2001), o amigo certo é reconhecido numa situação incerta, viver sem amigos não é viver e, não só devemos pedir aos amigos só aquilo que é honesto, mas desinteressadamente fazer por eles aquilo que é honesto. Na mesma linha, Sêneca aconselha que devemos amar para sermos amados e nos alerta sobre o risco das amizades por interesse. Essas duas declarações estão em plena sintonia com a sentença de Epicuro: “Toda amizade deve ser buscada por si mesma, mas origina-se de seus benefícios. (Epicuro, *Sentenças Vaticanas*, 23)”

Epicuro elege o caráter desinteressado da amizade, ou seja, ela vale por si mesma sem conteúdo utilitário, muito embora não podemos desprezar os benefícios que uma amizade, fruto da sabedoria, nos proporciona.

Aristóteles em *Ética Nicômaco* classifica a amizade em três tipos: (a) há aqueles que se relacionam mutuamente por utilidade, (b) há aqueles que se relacionam por prazer e, por fim, (c) há aqueles que desejam igualmente o bem um ao outro, ou seja, a amizade por si mesma, sendo esta a amizade virtuosa (Aristóteles, 2016).

As declarações desses pensadores consideram o interesse e a felicidade do outro, o que está em plena sintonia com a sentença de Epicuro: “Não nos é tão útil o que de útil nos proporcionam os amigos quanto a confiança de que poderão nos ser útil”. (Epicuro, *Sentenças Vaticanas*, 34)

Vivemos em um círculo de pessoas onde ocorrem trocas de experiências, valores e paradigmas, que influenciam nosso comportamento e interferem na nossa trajetória. Desta forma, a sabedoria é indispensável para lidarmos corretamente com a amizade genuína, que está acima de meros interesses.

Aprendemos com o escravo Epicteto (Epicteto, 2018) em seus discursos, que na prosperidade é muito fácil encontrar um amigo, mas na adversidade é a mais difícil de todas as coisas.

O processo de autoconhecimento fundamentado no epicurismo nos serve de base para a busca do prazer da amizade em si de forma virtuosa, na qual a preocupação é com o bem-estar do outro, afastando-se de meros interesses ou utilidade.

Sobre o conceito de interesse ensinado pelos gregos difere em qualidade do que entendemos, atualmente. Diz Spinelli (2011, p. 09) que

> O conceito de interesse, os filósofos gregos o conceberam de pelo menos três modos: o interesse subjetivo (que cabe ao sujeito preservar a si mesmo); o interesse requerido pela lei (que coincide com o da Pólis, e que, sob pena, cabe a todos defender e preservar); e o interesse (nesse caso posto em pauta pelo filosofar) natural, que congregava o subjetivo em termos objetivos, ou seja, do sujeito enquanto humano, universalmente concebido.

Ante o exposto, pela auto reflexão conheceremos quais são os nossos propósitos, desejos e medos. Conhecendo-nos, conheceremos o outro também. Desta forma, poderemos não só cuidar de nós mesmos, como também de um amigo. Um amigo se preocupa e investe parte de seu tempo na dedicação de assuntos e fatos inerentes àquele que considera seu amigo e, dessa convivência, nasce o carinho mútuo e proporciona o prazer.

Todas as vezes que um amigo cuida, ajuda e participa do cotidiano do outro, o peso (dor) das tarefas é dividido e amenizado, tornando a vida de ambos mais prazerosa e, como diria Epicuro na *Carta a Meneceu*, (Epicuro, 2021) prazer significa ausência de dor e de problema na alma. O prazer é o início e o fim de uma vida feliz.

É com o sentimento de zelo em relação ao outro que a amizade se constrói, conectando seus afetos. Um amigo gera conforto e suporte emocional, aconselha, critica acertos e erros, logo, escolher um amigo é questão de valor e sabedoria, sendo esta a maior guia para aplicar e fomentar a amizade, exigindo esforço e dedicação.

A confiança é o elo mais importante que liga a amizade, é o pilar de qualquer relação humana. Ao nutrir o mútuo comprometimento, gera-se a certeza de que a pessoa amiga nos ajudará, tornando-se essa certeza tão, ou mais importante, que a própria ajuda.

Amigos confiáveis, com os quais poderemos contar e nos ajudarão em qualquer caso, são escolhidos pela sabedoria. O simples fato de termos a absoluta certeza de

que existe alguém de prontidão para nos auxiliar, mesmo que não haja necessidade de qualquer intervenção, nos traz conforto, segurança e prazer.

Spinelli (2011) comenta que a solicitude e a reciprocidade são os conceitos fundamentais que definem a *philia* dos epicureus. Ao experimentarmos as dores dos amigos, com eles sofremos, ou seja, em virtude dos interesses recíprocos e bem comum, o que atinge um atinge também o outro. Como integrantes de uma comunidade, estamos ligados e somos afins, devendo nos esforçarmos para cuidar dos semelhantes. O que prejudica um prejudica a todos, sendo esta a essência do conceito de *sympatheia*.

De acordo com Spinelli (2011) a *solicitude* e *reciprocidade* resultam na harmonia e na concórdia. O amigo age com amor e tolerância, que são valores fundamentais para a relação e a comunidade de amigos. É a própria doação de si, e é a amizade em si que nos conforta e nos protege do mal e da dor. A concórdia é o caminho para alcançarmos a felicidade e o prazer. Há uma interdependência entre a espécie humana pois ninguém é autossuficiente que não careça da convivência. Devemos conduzir nossas relações cotidianas com sabedoria para não sobrecarregarmos os amigos com pedidos e tarefas, salvo quando da estrita necessidade. A solicitude e a reciprocidade, portanto, resultam uma comunidade amorosa.

Spinelli (2011) preleciona que para Epicuro a amizade nasce de um interesse e prospera na reciprocidade mediante cultivo e cuidado. A *educação filosófica* contribui para afastar o *egoísmo*, aprimorar a sabedoria em favor de si mesmo e, consequentemente, gerar benefícios aos outros. A sabedoria proporciona felicidade e a vida boa, pois o outro é meu semelhante e mutuamente nos afetamos, reconhecendo as faltas, carências próprias e alheias, requerendo benevolência e compaixão recíprocas que, necessariamente, dependem da amizade, e criam um pacto de confiança na construção de uma relação de ética e cuidados. Necessário se faz calcular bem a reciprocidade, de modo que a relação de amizade não fique sobrecarregada ao impor ônus somente a uma das partes o que, certamente, acarretaria uma relação exploratória e moderada. A *utilidade* (*opheléia*) e o interesse (*chréia*) são admitidos somente dentro de uma concepção de necessidade recíproca, capazes de despertar e consolidar a amizade.

Epicuro ensina que, para termos condições de cuidar dos amigos, a relação de amizade não ignora a necessidade que cada um tem de cuidar de si mesmo, de estar pleno em suas capacidades e potencialidades, para benefício próprio e alheio.

3. A AMIZADE EM ARISTÓTELES

3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL DE ARISTÓTELES, POR GIOVANNI REALE

Aristóteles nasceu em 384/383 a.C. em Estagira, na fronteira macedônica. Aos dezoitos anos viajou para Atenas e entrou para a academia platônica, permanecendo como membro por aproximadamente 20 anos, se desligando logo após a morte de Platão. Viajou para a Ásia menor e, em 335/334 a.C. voltou para Atenas e fundou a escola Liceu (Reale, 2020).

A diferença básica entre Platão e Aristóteles é que este deixa de lado o componente místico-religioso-escatológico, que era enfatizado por Platão (Reale, 2020).

Com enorme interesse nas ciências empíricas, Aristóteles as dividiu em três ramos: a) ciências teoréticas, isto é, ciências que buscam o saber em si mesmo; b) ciências práticas que enaltecem a perfeição moral, e; c) ciências poiéticas, que pugnam pelo saber do fazer (Reale, 2020).

Aristóteles considerada o homem como um animal racional e político, dependente da polis para a realização de um fim último, ou seja, o bem supremo, que é a felicidade. Assim, as virtudes são propiciadas pelos hábitos, o bem do indivíduo é da mesma natureza que o bem da cidade. A felicidade, porém, não significa riqueza, prazeres ou honras, e sim a prática das virtudes (Areté), ou seja, a atividade da alma segundo a razão (Reale, 2020).

3.2. VERTENTE FILOSÓFICA DE ARISTÓTELES

Como mencionado, Aristóteles dividiu as ciências em três ramos.

As ciências teoréticas buscam o conhecimento pela contemplação e pela compreensão das verdades universais e necessárias, que podem ser divididas em três grandes grupos: a física, a matemática e a metafísica.

Por outro lado, as ciências práticas buscam o saber com o objetivo de orientar a ação humana visando o bem e a vida boa, e são divididas em dois grupos: a) a ética, que trata da vida individual e da busca pela virtude e felicidade (eudaimonia), que orienta o ser humano a agir de acordo com a razão baseada na justa medida (meio-

termo) e, b) a política que está relacionada com a vida coletiva e com o bem comum. O homem, sendo um animal político (zoom politikon), só pode alcançar a verdadeira felicidade vivendo em comunidade.

Por fim, as ciências poiéticas se ocupam da produção ou criação de algo. O termo poiético vem do grego poiesis, que significa “fazer” ou “produzir”, e é dividida em várias áreas, tais como arte, retórica, poesia e literatura, arquitetura, entre outras (Reale, 2020).

Assim exposto, cabe ressaltar que na visão aristotélica, a ciência se divide em três categorias, cada uma com um propósito, mas todas contribuem para o conhecimento em três vertentes: conhecer (teorética), agir (prática), e criar (poética), sendo cada uma necessária para a realização plena do indivíduo e da sociedade.

3.3. SOBRE A AMIZADE, CONFORME ARISTÓTELES

Os conceitos de amizade são apresentados por Aristóteles na obra Ética a Nicômaco, mais precisamente nos livros XVIII e XIX. O pensador classifica a amizade em três tipos, a baseada na utilidade, a baseada no prazer, e a baseada no bem (perfeita). Segundo o filósofo “há então três espécies de amizades, em número igual a seus objetos dignos de amor” (Aristóteles, 2016, p.192).

3.3.1. A amizade baseada na utilidade e no prazer

Sobre a amizade baseada na utilidade e no prazer, escreve Aristóteles:

> Assim então, aqueles cuja amizade recíproca tem por causa a utilidade, não se amam um ao outro por eles mesmos, mas por algum bem que eles recebem um do outro. E semelhantemente, os que se amam por causa do prazer: não é devido ao caráter que eles amam as pessoas espirituosas, mas porque eles os consideram agradáveis. Portanto, aqueles que amam os outros por causa da utilidade, amam pelo o que é bom para eles mesmos, e aqueles que amam em razão do prazer, amam em razão do que lhes é agradável, e não porque o outro é o amado, mas por ser útil ou agradável. (Aristóteles, 2016, p.192)

> Portanto, essas amizades são acidentais, uma vez que a pessoa não é amada por ser quem é, mas porque oferece algum bem ou algum prazer. Tais amizades são, portanto, frágeis, não permanecendo iguais em si mesmas como no início, pois se uma das partes não é mais agradável ou útil, eles cessam de ser amigos. Ora, o útil não é

> uma coisa permanente, mas varia constantemente. Além disso, quando a causa da amizade desapareceu, a amizade é rompida, visto que a amizade só existia para aquelas coisas. (Aristóteles, 2016, p.192)

De acordo com essas citações, cabem as seguintes considerações: as duas citações de Aristóteles tratam da fragilidade das amizades baseadas em utilidade e prazer, em contraste com uma amizade mais profunda que é baseada no amor ao outro por quem ele é, e não pelo que ele pode oferecer. Na primeira citação, Aristóteles explora a ideia de que duas pessoas se relacionam por utilidade ou prazer, o vínculo que as une não está centrado em quem são como indivíduos, mas no que proporcionam um ao outro. A amizade, então, é instrumental, servindo a um fim e de caráter temporário. Já a segunda citação complementa essa ideia ao afirmar que essas amizades são por natureza acidentais e passageiras. O útil e o prazeroso são elementos que mudam com o tempo e, com essa mudança, a própria amizade se dissolve. Conjugando as duas reflexões podemos entender que Aristóteles valoriza uma forma mais elevada de amizade, aquela que não depende de fatores, como o prazer ou utilidade. As amizades que se sustentam nesses pilares são instáveis já que o que é útil ou agradável hoje, pode não ser amanhã. Assim, o texto sugere que a verdadeira amizade, a que perdura, é aquela que se fundamenta na apreciação genuína no caráter do outro, independentemente de vantagens circunstanciais.

3.3.2. A amizade baseada no bem

Sobre a amizade baseada no bem, escreve Aristóteles:

> Mas a amizade perfeita é aquela dos homens bons e que são semelhantes em virtude, pois esses homens bons desejam igualmente coisas boas uns aos outros, e eles são bons por si mesmos. Assim aqueles que desejam coisas boas aos amigos por eles mesmos são amigos por excelência, porque eles são assim por sua própria natureza, e não por acidente; assim, a amizade deles permanecerá enquanto eles forem bons, e a bondade é uma virtude duradoura. E cada um deles é bom em si mesmo e também para o seu amigo, pois os bons são simplesmente bons e mutuamente úteis. E do mesmo modo também eles são agradáveis, pois os homens são agradáveis em si mesmos e também uns aos outros, já que cada um faz residir seu prazer nas próprias ações, e as ações dos homens bons são idênticas ou semelhantes. (Aristóteles, 2016, p.193)

> É natural também que as amizades dessa espécie sejam raras pois tais homens existem em pequeno número. Além disso eles exigem tempo e hábitos comuns. (Aristóteles, 2016, p.193)

De acordo com as citações acima, cabem as seguintes considerações: as duas citações de Aristóteles falam sobre a amizade perfeita (bem), que é aquela entre pessoas virtuosas e semelhantes em bondade. Diferentemente das amizades baseadas em utilidade ou prazer, essa forma de amizade é considerada “perfeita” porque é baseada em uma apreciação genuína do caráter do outro. As pessoas boas desejam o bem uma para a outra por quem elas são, não por qualquer benefício circunstancial. A primeira citação destaca que essa amizade é duradoura porque a virtude é estável e constante. Pessoas virtuosas são boas em si mesmas e para os outros, o que cria um ciclo de bondade e prazer mutuo que sustenta a relação. As ações desses amigos são semelhantes, o que reforça a sintonia entre eles, resultando em prazer compartilhado na convivência.

A segunda citação aponta a raridade dessa amizade, devido ao pequeno número de pessoas verdadeiramente virtuosas. Também ressalta que essas amizades exigem tempo para se desenvolver sugerindo que a virtude não é algo imediato, mas algo cultivado ao longo de uma convivência prolongada e por meio de experiências compartilhadas.

Quando conjugamos essas duas reflexões com as anteriores, vemos que Aristóteles estabelece uma hierarquia entre as amizades: as baseadas em utilidade, que são passageiras e superficiais, enquanto a amizade perfeita, enraizada na virtude, que é duradoura e rara. A amizade perfeita, portanto, surge quando duas pessoas se unem pelo reconhecimento mútuo de suas virtudes, algo que exige tempo e dedicação.

4. AS IMPLICAÇÕES ÉTICAS MOTIVADAS PELA UTILIDADE

A amizade motivada pela utilidade em Epicuro e Aristóteles apresenta uma visão instrumental das relações humanas, cada uma delas marcada por características específicas, mas convergindo na percepção de que tal forma de amizade não é a ideal ou a mais elevada.

Para Epicuro, a amizade inicialmente se origina da utilidade. Ele reconhece que, em muitos casos, as pessoas se aproximam umas das outras buscando benefícios mútuos, seja para proteção, segurança ou prazer. No entanto, Epicuro entende que, embora a utilidade seja o ponto de partida, a amizade verdadeira vai além dessa motivação inicial. Na filosofia epicurista, a amizade, quando devidamente cultivada, se transforma em um fim em si mesma, trazendo tranquilidade e ataraxia (ausência de perturbação da alma). O filósofo afirma que "de tudo aquilo que a sabedoria nos proporciona para a felicidade de toda a nossa vida, de longe o mais importante é a posse da amizade" (Sentenças Vaticanas, 13). A implicação ética dessa visão está no fato de que, ainda que a utilidade seja a origem de muitas amizades, é fundamental que ela evolua para uma relação mais profunda, desinteressada e essencial à felicidade. Esse desenvolvimento ético reflete um processo de amadurecimento onde o bem-estar do outro passa a ser um fim em si, e não um meio para alcançar alguma vantagem.

Aristóteles, por outro lado, em sua obra *Ética Nicomaquéia*, classifica a amizade motivada pela utilidade como uma das formas inferiores de amizade. Ele a descreve como uma relação em que as pessoas não se amam pelo que são, mas pelo que podem oferecer umas às outras. Esse tipo de amizade é considerado frágil e passageiro, pois, quando a utilidade cessa, a amizade também chega ao fim. Aristóteles destaca que essa forma de amizade é comum entre aqueles que têm interesses temporários, ou conhecidos que se ajudam em função de uma conveniência mútua. Do ponto de vista ético, ele sugere que essas relações não são moralmente elevadas, já que não envolvem a apreciação genuína do caráter do outro. São relacionamentos condicionados por fatores externos, e por isso não são estáveis. A verdadeira amizade, segundo Aristóteles, é aquela baseada no bem, na virtude, onde as pessoas se amam pelo que são, e não pelo que podem proporcionar umas às outras. Assim, as amizades baseadas na utilidade são vistas como transitórias e menos nobres, em comparação com as que têm como base a virtude.

As implicações éticas dessas concepções, tanto em Epicuro quanto em Aristóteles, sugerem que a amizade utilitária é limitada por sua natureza transitória. Em ambos os casos, a utilidade é reconhecida como um componente insuficiente para sustentar uma relação ética verdadeira. Epicuro aceita a utilidade como um ponto de partida, mas acredita que a ética da amizade deve transcender o interesse inicial, alcançando um estado de equilíbrio e tranquilidade mútuos. Já Aristóteles oferece uma crítica mais contundente, afirmando que a amizade baseada na utilidade, por não estar enraizada em virtudes duradouras, não contribui para o crescimento moral das pessoas envolvidas.

Portanto, fica evidente que para os dois filósofos, quando a amizade é baseada somente na utilidade, várias implicações éticas emergem no âmbito social, afetando a qualidade das relações pessoais. Uma amizade baseada somente na troca compromete a estabilidade emocional e a instrumentalização do outro que é visto como um meio para atingir certos fins. Essa instrumentalização reduz a dignidade da pessoa, pois o valor dela é medido apenas pelo que ela pode proporcionar. Do ponto de vista ético, isso significa que o indivíduo é tratado como um objeto, o que desumaniza a relação e compromete o sentimento de solidariedade.

A ética epicurista valoriza o prazer proporcionado pela paz de espírito (ataraxia). No entanto, uma amizade utilitária é incapaz de promover o verdadeiro prazer da confiança mútua e do bem-estar duradouro. O filósofo Aristóteles reprime a amizade utilitária por suas implicações éticas que prejudicam a vida boa, pois ela é transitória e impede o desenvolvimento da solidariedade e coesão social. Tanto Epicuro, como Aristóteles, veem o valor da amizade além da utilidade. Ao reduzir as amizades a uma troca de benefícios, o convívio humano é enfraquecido prejudicando o desenvolvimento moral e emocional das pessoas. Os dois filósofos reconhecem a importância de transcender a utilidade em prol de amizades mais profundas e estáveis que promovam prazer e o fim último do homem, ou seja, a eudaimonia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Epicuro, a amizade pode sim surgir a partir de uma necessidade prática, de algo que seja útil para as pessoas. No entanto, a relação deve evoluir para algo mais profundo. A amizade não é apenas um meio, mas um fim em si mesma.

Já para Aristóteles, as amizades utilitaristas são frágeis, pois deixam de existir assim que os benefícios se acabam. A amizade perfeita é aquela que é duradoura, pois existe entre pessoas que desejam o bem umas das outras por quem elas são, e não pelo o quê elas podem proporcionar em termos materiais ou de prazer.

É oportuno ressaltar que a evolução de uma amizade utilitária para uma amizade perfeita, o processo envolve o amadurecimento dos sentimentos e intenção, exigindo o desenvolvimento de virtudes e reciprocidade na relação. A amizade baseada no bem busca a excelência moral, reconhecendo e incentivando a virtude. O vínculo se aprofunda quando a preocupação é com o bem estar do outro, compartilhando experiências que ajudam na construção de um laço de confiança. A amizade perfeita valoriza o caráter e as qualidades do outro e requer tempo de convivência para seu amadurecimento passando da utilidade à virtude. As amizades perfeitas, por estarem fundamentadas na virtude, são mais resistentes e menos propensas à corrupção. Contudo, não são inabaláveis, pois dependem da constância do caráter e do cultivo ativo da relação. Se um dos amigos perder suas virtudes ou deixar de agir de acordo com os princípios que antes sustentavam a relação, a amizade se deteriora, visto que a amizade perfeita depende da continuidade da virtude, e se essa virtude se perde, o elo também fica enfraquecido.

Sendo assim, fica evidente a importância da amizade para a felicidade, que é o bem supremo da vida e, consequentemente, a harmonia da pólis. Notório também que os dois pensadores não relevam a utilidade e o prazer que a amizade proporciona, mas enaltecem que a verdadeira amizade está baseada na solicitude e reciprocidade, ou seja, no bem que resulta uma comunidade mais amorosa, o que vai ao encontro da máxima de Aristóteles (2016, p.190) “e quando os homens são amigos, não há necessidade de justiça, enquanto os justos têm necessidade de amizade, e a mais alta expressão da justiça parece ser uma marca da amizade”.

A amizade gera espontaneamente um sentimento de respeito mútuo, de cuidado, de solidariedade que transcende a justiça positivada, promovendo a fraternidade e amizade social. É a própria amizade em si que nos conforta e nos

protege do mal e da dor e, indiscutivelmente, é o modo para alcançarmos a felicidade e o prazer pois, segundo Ricken: “o verdadeiro ser do ser humano é ser para o outro” (Ricken, 2008, p.110).

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2021.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução e notas de Luciano Ferreira de Souza. São Paulo: Martin Claret, 2016.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução de Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.

CÍCERO, Marco Túlio. **Da amizade**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2001

DIÓGENES LAERTIUS*,* **A vida e a doutrina dos ilustres filósofos**. Brasília: Editora UNB, 1987.

EPICTETO, **A Arte de viver – O manual clássico da virtude, felicidade e sabedoria**. Rio de Janeiro, Sextante, 2018.

EPICURO, **Sentenças Vaticanas**, tradução de João Quartim de Moraes, São Paulo: Edições Loyola, 2014.

EPICURO, **Carta a Meneceu sobre a felicidade e outras cartas**, traduzido por Ana Death, Jandira, Principis, 2021.

PICHLER, Nadir Antonio. **As três formas de amizade na ética de Aristóteles**. Ágora filosófica, ano 4, n 2, Jul/Dez. 2004, p. 193 – 207

QUARTIM DE MORAES, João. **O quádruplo remédio, a vida prazerosa e a segurança**, 13, *in* Sentenças Vaticanas, Epicuro**.** São Paulo: Edições Loyola, 2014.

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da filosofia: filosofia pagã antiga**, v.1. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2020.

RICKEN, Friedo. **O bem viver em comunidade**: a vida boa segundo Platão e Aristóteles. Trad. Inês Antônia Lahbauer. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

ROCHA, Zeferino. **O amigo, um outro si mesmo: a Philia na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles**. Psychê, Ano X, nº 17, São Paulo, jan-jun/2006, p. 65-86.

SPINELLI, M., **Epicuro e o tema da amizade: a philía vinculada ao érôs da tradição e ao êthos cívico da pólis***, Princípios*, Natal, v.18, n.29, jan./jun. 2011, p. 5-35.

WOLF, Ursula. **A Ética a Nicômaco de Aristóteles**. Trad. Enio Paulo Giachini. São Paulo: Edições Loyola, 2013.